

SALLES VIANA

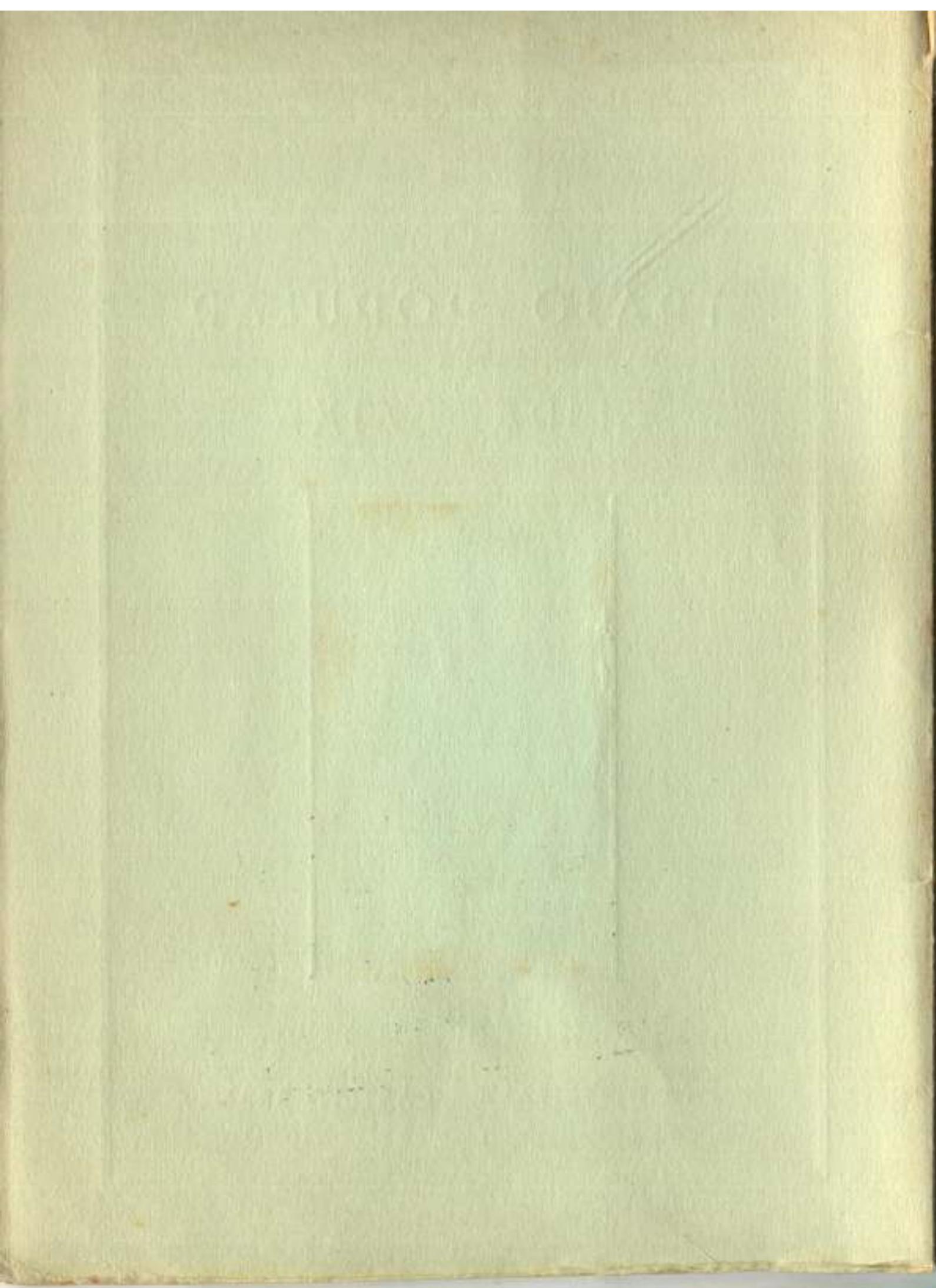


O
TRAJO POPULAR
NA
BEIRA BAIXA



EDIÇÃO
da
JUNTA DISTRITAL DE CASTELO BRANCO

1967



O
TRAJO POPULAR
NA
BEIRA BAIXA



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2190

Cota N.º 10-4

SALLES VIANA



O

TRAJO POPULAR

NA

BEIRA BAIXA

(NOTAS BREVES)

EDIÇÃO

da

JUNTA DISTRITAL DE CASTELO BRANCO



1967

Fotografias de :

Duarte Costa — Castelo Branco

APRESENTAÇÃO

No intuito de contribuir para a recolha de alguns elementos sobre o traje tradicional da Beira Baixa, procurou a Junta Distrital de Castelo Branco aliciar neste ingrato trabalho o Ex.^{mo} Senhor Eurico de Salles Viana.

A ele ficamos devendo estas «Notas Breves» sobre «O traje popular na Beira Baixa» que, sem sombra de dúvida, nos devem merecer admiração não só pelo valor intrínseco que possuem, mas sobretudo pelas inúmeras dificuldades resultantes do desaparecimento quase total de elementos de estudo e até de outros elementos informativos que poderiam existir nas reminiscências do nosso povo. Quase tudo se tem perdido no pó dos tempos, mas este estudo revela que alguma coisa de muito belo ainda se conseguirá salvar e poderá ter o mérito de constituir, nos tempos de hoje, o início de futuros estudos.

A Junta Distrital, ao publicar estas «Notas Breves», deseja que assim aconteça.

O Presidente da Junta Distrital

ALBERTO TRINDADE

talhadas, quando mortas, para seguirem a caminho do cemitério. Já fica distante o tempo em que os homens iam a enterrar envolvidos em seus gabões. Há pouca gente que se lembre de que as raparigas solteiras iam vestidas de noivas para a sepultura e que as crianças, quando morriam, iam vestidas de anjo para mais facilmente, com suas asas brancas, atingirem o céu de que a sua candura era credora.

— × —

O luto pelas mães e pelos pais ia até dois anos — as mulheres carregadas de negro e os homens de camisa preta e gabão, fosse verão ou fosse inverno, deixando crescer as barbas que só eram cortadas quando findava o período de dó.

— × —

Os bragais das mulheres e das raparigas cheiravam a alecrim e as roupas de dentro, brancas de neve, eram hinos de castidade. Nas arcas se guardavam as camisas, levemente folgadas na gola, com mangas até ao meio dos braços e descidas até um pouco abaixo dos joelhos. Os coletes justos ao peito acentuavam o suave relevo da carne em sinfonia de escultura magnífica. As brancas anáguas estabeleciam harmonia na transição da cintura para as ancas. Os saiotes pregueados eram geralmente de casteleta colorida em tons vivos e as meias de fio de algodão de uma ou mais cores, feitas à mão e a duas agulhas, eram suspensas nas pernas por ligas elásticas de modo a ficarem bem esticadas. Depois as combinações, bordadas no peito e nas mangas, caíam quase até aos sapatos, com uma faixa de renda larga no roda-pé que a saia de fora deixava que se visse sem grande esforço.

As roupas exteriores estavam penduradas nos cabides dos armários. Delas faziam parte as saias de fora de cores lisas e discretas, pregueadas na cintura e caídas um nadinha acima da fimbria da combinação e ornamentadas com listas coloridas direitas ou em curva e contra-curva. Sobre o peito assentava o chambre de fazenda colorida e enramalhada, de gola discretamente voltada e aberta, guarnecida

de folhados nos pulsos e na cintura. Para o sul da província, substituíam-se o *chambre* pelas «roupinhas» — espécie de blusa muito justa ao busto, sem folhados, geralmente de cor lisa, onde botões de vidro colorido espalhavam um arzinho de graça.

Vinham depois os atavios: os lenços de seda ou de lã, de uma só cor ou de cores variegadas e lindos desenhos, que eram laçados no pescoço depois de cobrirem os volumosos penteados de madeixas entrelaçadas em espiral e fixadas com ganchos metálicos, e cabeleiras havia que, quando soltas, caíam, costas abaixo, até aos pés. Os lindos xailes pendentes dos ombros, alguns de importação, cobriam-lhes as costas até palmo e meio abaixo da cintura. Os sapatos eram abotinados ou apertados com atacadores. Lindos e grandes brincos de princesa e crescentes ou simples argolas pendiam das orelhas. Fios ou grossos cordões e colares de contas de ouro circundavam o pescoço e neles se penduravam crucifixos e outras imagens religiosas à mistura com amuletos, como «figas» e como o «sino-sai-mãos»... para afugentar os «maus-olhados» e os «sp'ritos malinos».

— × —

Os homens não sentiam, como as mulheres, necessidade de atavios e assim eram mais parcós no vestir. Usavam, como roupa interior, apenas camisas de linho, colarinhos virados e ceroulas de fitas para segurarem as peúgas à altura da meia canela. Exteriormente calças um pouco à boca de sino, colete com duas idas de botões e bolsos para a corrente de prata, para o relógio e para o dinheiro. Nas costas uma jaqueta curta de serrobeco ou de brixte e na cabeça uma carapuça feita de lã, já hoje muito fora de uso, ou chapéu de lã de copa redonda do fabrico de Alcains. Nos pés, botas de bezerro de elásticos ou de cordões de cabedal e, a segurar as calças, uma larga cinta franjada, geralmente, esta colorida de vermelho vivo.

— × —

Para resguardo do frio, usavam os homens os gabões e as mulheres os xailes felpudos ou as capuchas.

Nos trabalhos do campo e nos tempos de calmaria, o traje era

ligeiro. Usavam as raparigas, geralmente descalças, chapéus de palha na cabeça sobre o lenço que lhes envolvia as faces e o pescoço para que o sol não tismasse a alvura e o carmim das suas cútis de moças em anelos de promessa de amor.

— X —

Os trajos da Dança das Trancas de Verdelhos, da Dança das Virgens e da Dança da Farrombana da Lousa, oriundos de danças rituais e guerreiras, dos tempos dos iberos e dos romanos, chegaram até aos nossos dias apenas trazidos pela tradição do povo e por isso popularíssimos devem ser considerados.

— X —

E acabaremos como começámos: Para além das palavras que ora se juntam... têm mérito as fotografias que acompanham este mais que modesto trabalho...

Salles Viana



O TRAJO DA BEIRA BAIXA
NO CANCIONEIRO POPULAR

DE MONSANTO:

Lá cim'o Castelo
Se vend'um'amenda...
Diga lá menina
S'a saia tem renda !

S'a saia tem renda...
Mas deixá-la ter!...
O que você q'ria
Er'anágua ver !

— × —

O balão da nossa ama
Ai taipum, biribiri, biribiribum !
É com'a roda dum carro
É com'a roda dum carro !
Quando vai par'a cozinha
Ai taipum, biribiri, biribiribum !
Faz abanar o sobrado.
Faz abanar o sobrado.

Faço rendas, vendo rendas,
Cada metr' é um pataco...
Quatro metros não me chegam
P'ra roda do meu casaco !

D O P A Ú L :

Meu coletinho'ós ramos
Mandei-o dourar'ó Porto...
Deus queira que venha lindo,
Douradinh'o meu gosto !

Eu tenho quatro coletes,
Todos eles por talhar...
'Ind'ó pano 'sta na tenda
E o dinheiro por ganhar !

Toma lá colchetes d'oiro,
Aperta-m'o coletinho...
Coração qu'é meu e teu
Há-d'andar apertadinho !

D E S I L V A R E S :

Ó minha Farrapeirinha,
Ó minha Farrapeirona...
Aperta-m'esse colete,
Não andes à bambalhona !

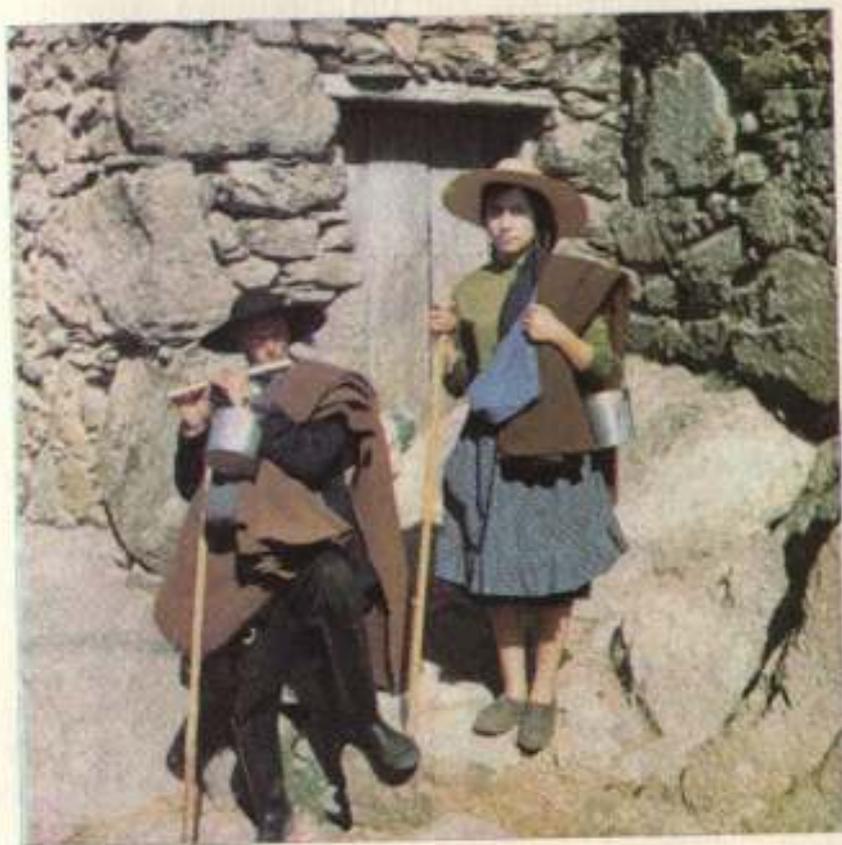
D A P A I Á G U A :

Nossa Senhora das Dores
Vestidinha em anágua...
Dai a vossa protecção
Ao bom povo da Paiágua !

I—PASTORES DA BOUÇA

BOUÇA, aldeiazinha serrana de pouco mais de quatrocentos habitantes, situa-se na cota de setecentos metros acima do nível do mar, recostada na aba sul da Serra da Estrela que a protege das nortadas malfazejas.

Da Bouça ao marco geodésico da Torre, o ponto mais



Pastor e pastora da Bouça

alto de Portugal, ainda se conta uma diferença de nível de mil e trezentos metros, por terrenos movimentados, de penedos alcantilados e de fraguedos de mistério, por entre os quais correm ribeiros e arroios de águas das chuvas e dos degelos, durante a primavera e pelo verão.

Em volta da Bouça os seus humildes habitantes aleiraram as escarpas à força de construírem muros de suporte, de esca-

varem as terras em patamares e de regularizarem as correntes ribeirinhas e assim mostraram que a ânsia de viver e a forte vontade chegam... para fazer milagres. Depois de árduo e demorado trabalho, em volta da pequenina aldeia, cultiva-se ali o milho, crescem as árvores de fruto e vicejam as hortaliças em terrenos que as águas refrescam e os húmus fertilizam. Um pouco mais ao longe, onde crescem as ervas e os matos, pastoreiam-se vacas, cabras e ovelhas que dão o leite, o requeijão, o queijo, o estrume, as peles, a lã e a carne. Para o sul e para lá do sopé da Estrela estende-se, largo e extenso, o Vale da Ribeira das Cortes, réplica de um pequeno paraíso, paleta verdejante onde se radicam todos os tons da cor verde, a cor da esperança, onde abunda e onde se cria tudo quanto do reino vegetal é necessário à alimentação do género humano, numa profusão de estarrecer.

A palavra «bouça» quer apenas dizer terra maninha de mato e erva e assim, pelo que fica escrito, tal significado não corresponde ao que por ali, graças a Deus e ao trabalho dos homens, se observa em nossos dias.

Pois são da Bouça os pastores de que vamos falar. Enquanto os gados andam no pasto, o pastor vai dedilhando na sua flauta as modas que aprendeu em criança e a pastora vai fazendo as rendas que algum dia lhe serão úteis para afor-mosear suas roupas de casamento.

O traje do pastor consiste numas calças e num casaco de serrobeco e numas botifarras de cabedal, tudo coberto por um amplo gabão de largo capuz e avultado cabeção para resguardo das costas e da cabeça. Nas pernas prendem-se safões de pele de cabra por tosquear e nos pés grossas meias de lã. Às costas vai o alforge onde guarda a comida e flauta e na mão o varapau e o ferrado onde guarda o leite da orde-nha do meio dia.

O traje da pastora consiste num chambre de forte flanela de lã e saias rodadas de forte baeta sobre as quais mostra o seu avental e, para cobrir as costas, um largo e grosso xaile de lã e, para a cabeça, sobre um lenço atado ao pescoço, um chapéu de homem, levando nos pés grossos sapatorros de cabedal e, pendurado no ombro esquerdo, o alforge e na mão direita o cajado.

II—USANÇAS DA LOUSA

LOUSA, a tão linda, cristã e arcaica aldeia que vive, trabalha e cria seus filhos sob a protecção de Nossa Senhora dos Altos Céus, continua arreigada às suas velhas tradições, mantendo, vivos e inalterados, usos e costumes dos tempos idos. A Senhora dos Altos Céus tem sua morada na Igreja



Um par da Dança das Virgens

Matriz. Santo António, S. Sebastião e Santa Bárbara têm suas capelinhas dispersas pela aldeia e só S. Giraldo, o Santo Bispo, teve de deixar sua capela completamente arruinada, no caminho da Mata, para se refugiar na sacristia da igreja paroquial.

Grande é a devoção do povo da Lousa pela sua Protectora, mas no dia da sua festa, depois de recolhida a procissão, têm lugar os Bailados das Virgens e da Farrombana e a Farsa da Dança das Tesouras, anteriores à era de Cristo, mas

trazidos até nós só pelo amor do povo às usanças dos seus antepassados e nada mais.

O Bailado das Virgens deriva da liturgia pagã do culto de Vesta. As bailadeiras apresentam-se ainda hoje vestidas de branco alvíssimo, coroadas de flores cor da neve, com brincos de princesa nas orelhas, com o peito recamado de ouro, com chinelinhas e meias brancas e, de cor, só uma faixa de seda azul celeste cingida à cinta caída para trás. Frente às baila-



Uma bailadeira da Dança das Virgens

deiras escolhidas para esta pragmática têm de ser íntegras quanto à virtude exigida, outrora, às sacerdotizas de Vesta que, quando em pecado, eram emparedadas vivas na grossa alve-naria do templo.

A Dança da Farrombana era dedicada ao Deus Marte e não é mais que uma dança de guerreiros a comemorar ou festejar a Vitória.

Farromba quer dizer jactância, vaidade, arrogância,

deiras, para assegurar a sua integridade, um guardião, de espada ao alto, desembainhada, e, ao lado, um tocador de guitarra que vai dedilhando as várias marcações da coreografia ritual.

Um pormenor merece especial menção: Numa das marcações do bailado aparecem lencinhos brancos por entre os dedos das bailadeiras e os lencinhos voltam e volteiam, juntam-se e afastam-se, desenhando no ar curvas graciosas, juntando-se quatro a quatro de quando em quando.

Não será isto alusão às luzes das lucernas em cerimônia de preito a Vesta?

Cabe aqui frisar-se que o povo de Lousa tem a noção exacta, transmitida de gerações em gerações, de que as baila-

seus
culto
s de
ncos
com
eda
mila-
sua
ão,
em-
um
vai
ar-
al.
ce
as
a-
or
a-
m
s-
r
o-
e
o
-
?
e
n

mas no caso presente talvez alegria, ou o prazer que sucede aos louros da Vitória.

Esta dança é formada por seis guerreiros em duas linhas, vestidos de calças e fardas brancas orladas de azul, tendo na cabeça altas capelas floridas donde caem posteriormente lindas e largas fitas que chegam até meio das pernas. O parceiro esquerdo do primeiro par toca um arcaico instrumento designado por «genebres» e com ele vai marcando o



Dois bailarinos e uma «madama» da Dança da Farrombana (de frente)

ritmo da coreografia que os companheiros em violas vão acompanhando compassadamente. A meio das duas filas de dançarinos vão três rapazes imberbes, vestidos e coroados de virgens, de cintas azuis caídas para trás, tocando suas pandeiretas, adornados de brincos nas orelhas, com o peito carregado de cordões de ouro, a que chamam «madamas».

Esta é a dança da Vitória e os moços vestidos de virgens representam as cativas tomadas ao inimigo.

Esta dança de amor e de alegria desenvolve-se em

diversos passos, com ademanes e requebros lúbricos quando os dançarinos enfrentam as cativas.

A Farsa da Dança das Tesouras é uma paródia à tosquia dos borregos e era executada em tempos remotos ao Deus Pã.

Em vez das tesouras de tosquiar usam tenazes, manejadas a duas mãos, que, ao abrir e fechar, produzem ruídos compassados a marcar o ritmo da cantiga, hoje com versos à Senhora dos Altos Céus.

Esta moda é formada por seis homens de tenazes nas mãos, em mangas de camisa e um lenço atado na cabeça. Entre as duas linhas três rapazes, curvados para o chão, usando coletes vestidos do avesso para que o forro possa simular a lã a tosquiar.

Na frente do grupo coreográfico um outro homem, também em mangas de camisa e cabeça atada com um lenço, segura uma tranca encostada ao ombro direito onde, de quando em quando, os tosquiadores fingem amolar as suas simuladas tesouras.

Ao fim de cada quadra, os rapazes, curvados de

mãos quase no chão, vão imitando os balidos dos borregos: — Mé, mé, mé!

E aqui está como a linda aldeia da Lousa mantém vivas velhas tradições, vindas dos tempos em que ainda Jesus não tinha vindo ao mundo: uma de carácter místico, outra revelando uma usança guerreira e outra uma farsa rústica ou carnavalesca.

Lousa com suas extremas a considerável distância, Lousa, a linda aldeia onde abundam arcaicas mas remozadas edificações, espalhadas pelas suas ruas anguladas de sabor quinhentista, apresenta-nos: cruzeiros com imagens lapidares



Cruzeiro da Lousa

de Jesus Crucificado, um solar e casas solarengas onde viveu a aristocracia de velha cepa, fontes armoriadas e capelas de veneranda arquitectura, como aquela que é destinada a Santo António de alpendre renascentista deveras original.

Lousa, com extensos e fartos campos, a dentro dos seus termos, onde avultam olivais, vinhas, montados de sobreiros, searas de trigo e de centeio, com seus feijoais e suculentas



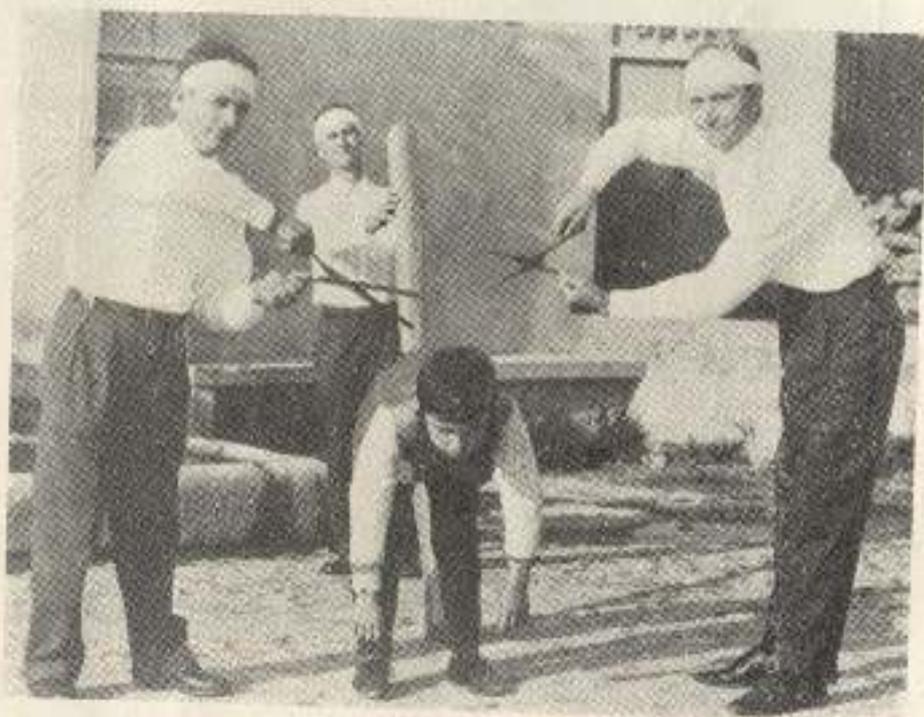
Dois bailarinos e uma «madama» da Dança da Farrombana (de costas)

pastagens, com seus matagais onde proliferam aos milhares os coelhos, as lebres e as perdizes, com suas numerosas e fartas hortas, é uma região produtora de finos azeites e vinhos dos mais capitosos e é também um centro onde se cria à farta o gado lanígero que produz queijo saboroso e lã da melhor qualidade. O seu limite norte e nascente é formado pela ribeira da Alpreada em amplexo de amor e promessa e, em volta do seu alfoz, alinham-se as freguesias de Oledo, Mata, Escalos de Baixo, Escalos de Cima, Lardosa e S. Miguel d'Acha.

E é nestas paragens da Beira Baixa que se continuam

a cantar as loas à Senhora dos Altos Céus e a Santa Bárbara e se entoam, na calada das sextas-feiras de quaresma, à meia noite, junto das capelas e cruzeiros, as «Encomendações das Almas».

Lousa, agarradinha à Tradição, é também terra de alegria que anela o progresso da sua aldeia e o bem-estar dos seus habitantes.



Poromenor da Dança das Tesouras

III—LEITEIRAS DE ALCAINS

A indumentária e os atributos nesta página representados referem-se aos usos das leiteiras de Alcains, quando, há mais de vinte e cinco anos, era corrente em Castelo Branco o consumo do leite de cabra e não o leite de vaca agora quase só em uso.

Manhã cedo, ainda antes de nascer o sol, ordenhavam



Leiteiras de Alcains

as cabras e logo seguiam em grupos para Castelo Branco, o seu melhor centro de consumo.

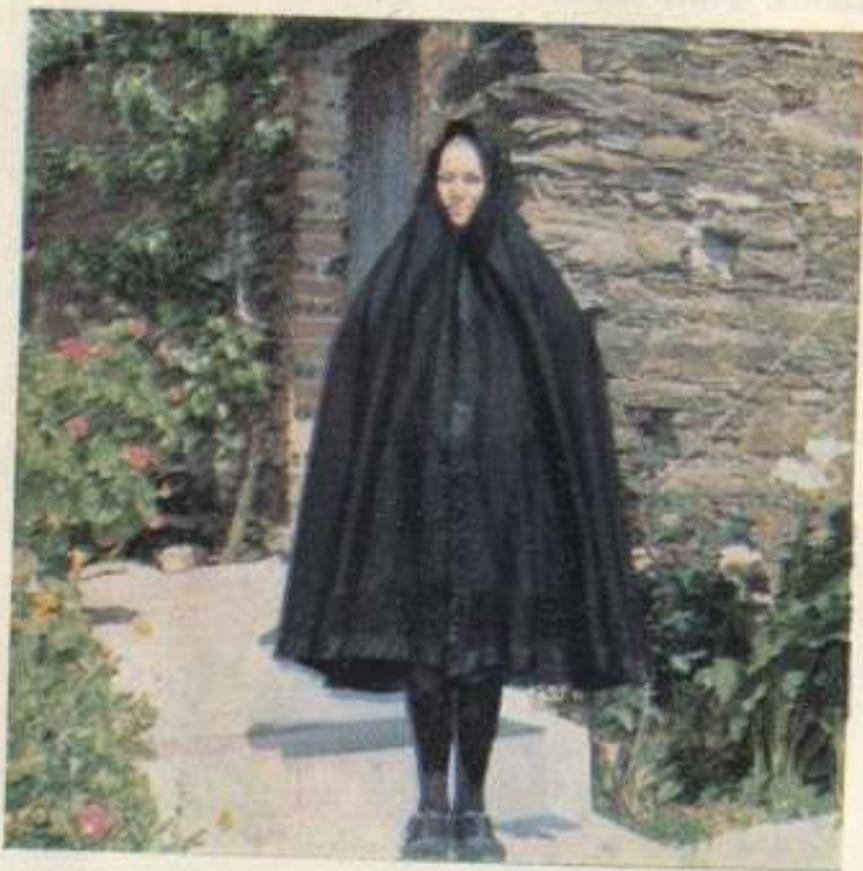
A fotografia junta mostra como eram garridos e pitorescos os trajos então usados e pode calcular-se como eram faiscentes os revérberos que o sol nascente imprimia nas latas dos cântaros, das medidas e dos ferrados de que eram portadoras as leiteiras de Alcains quando, em marcha para sul, se dirigiam, estrada fora, para Castelo Branco.

Nos cântaros ia o leite, nos ferrados os requeijões e no cesto a merenda e os requeijões pequeninos.

e correm as lágrimas de todos os olhos e todos rezam e choram lancinantemente. Depois os enterros são cenas extremamente comoventes.

— X —

Sobre o traje popular dos malpiqueiros, confiados na boa camaradagem e velha amizade do Sr. Prof. João Diogo Correia, malpiqueiro de velha estirpe, transcrevemos do seu



Mulher em traje de cerimónia

belo livro «Apontamentos para a Monografia de Malpica do Tejo» o que interessa à índole do nosso mais que modesto trabalho :

.....
Vestiam as malpiqueiras de algum-dia camisa composta de «cabeção» de linho e fralda de estopa. Na parte superior das mangas faziam pregas miúdas, por sinal riscadas com sovela, e, sobre essas preguinhas uns bordados a branco, a que chamavam «pombinhas», «espiguilha» e «nôzinhos». As

mangas, bastante largas, eram franzidas nos punhos e «engomadas» no lavadouro.

Sobre a camisa vestiam o colete, azul ou encarnado, feito de um tecido de lã, lavrado, a que chamavam «damão», ou de um pano liso, ou ainda de seda, conforme as posses de cada uma. Esta peça de vestuário tinha ilhós e apertava à frente com cordões brancos e encarnados.

Sobre os ombros caía a «folhadura» — cabeção de renda larga, de duas agulhas, que se prendia ao decote da camisa.

Por de cima da camisa vestiam um saiote muito rodado, de flanela branca, sarjada o qual era rematado, na parte inferior, com uma barra larga de chita encarnada com pintinhas brancas. Esta barra, cosida em jeito de debrum, era direita, ou tinha bicos ou recortes largos, na parte de dentro, isto é, no lado do avesso do saiote. Assim aparecia a parte inferior enfeitada e garrida, quando a pessoa que o vestia andava com certa desenvoltura ou se baixava durante as lides caseiras.

Vestiam depois a anágua, saia branca também rodada, com renda, entremeios e preguinhas, e por cima da anágua o mantéu, de pano verde ou castanho, «espalanchado» e enfeitado com quartapisa. Quartapisa encarnada, se o mantéu era verde; amarela se era castanho.

As saias e os mantéus eram apertados com um colchete e com as pontas da fírrma.

Por fim, o avental (ou mandil, como ainda lhe ouvi chamar), de sarja preta ou merino de algodão, enfeitado a «cordanitos».

Na cabeça usavam lenço encarnado atado atrás.

Outra peça curiosa deste traje era o «capote» — capa de pano azul, chamado pano cetim, muito rodada, com cabeção recortado, e que descia um pouco abaixo da cintura.

Meia branca e sapato de orelha completavam a indumentária da «moda velha».

O traje da «moda velha» exigia um penteado próprio, o chamado penteado de martelo.

O traje masculino era constituído pelas peças seguintes: camisa de



Rapariga em traje de festa

linho, também engomada; canos brancos; calções, polainas, sertum e jaqueta, tudo de burel, e cinta preta e chapéu grosseiro, com borla.

De burel era também o gabão, usado, não só contra o frio, mas também nos actos religiosos e como sinal de luto recente.

.....
O traje «antigo», feminino, constava de camisa vulgar, de mangas



Igreja Matriz

curtas; «roupinhas» — casaco curto, sem abas, de pano preto ou encarnado, com barras de veludo nos punhos e ilhós e cordões, como o colete da «moda velha»; xaiote; anágua e saia de lã, encarnada ou amarela, debruada com fita de lã preta e enfeitada com cercaduras de pano preto, picotado, ou com barras

de veludo preto; meias arrendadas, de uma ou duas cores; avental com barras de veludo; lenço dos ombros, de merino ou de chita, e lenço de cabeça atado em cima.

O traje que acabo de descrever era o dos domingos e dias de festa; de semana, usavam saia de um tecido castanho-arroxeadado, avental vulgar, lenço dos ombros e lenço da cabeça. Normalmente, andavam descalças.

Os homens usavam caças, colete e jaqueta curta, de surrobeco, gabão de burel, cinta e chapéu preto.

Não usavam gravata, mas andavam sempre calçados.

Não me lembro de ver em Malpica homens descalços. Nem homens, nem rapazes com idade superior a 13 ou 14 anos.

Ao traje «antigo», masculino e feminino, sucedeu o traje moderno, o traje actual, uma coisa indefinida, incaracteristizada, que é de toda a parte e não é de parte nenhuma...

— X —

São também derivadas do já referido e interessante livro do Sr. Prof. João Diogo Correia as notas que se seguem :



Mulher em trajo de dó

A aldeia de Malpica vive adentro dos seus estreitos limites, cercada por extensos montados de azinhos e sobreiros onde ricos proprietários engordam varas e varas de porcos que vão vender a Castelo Branco, na Feira dos Reis.

No termo da freguesia, além da Igreja Matriz, existem : a capela da Senhora das Neves com seu adro, a cerca de meia légua de distância, com sua romaria no dia de segunda-feira de Páscoa, e também a capela de S. Bento, quase em ruínas, a meio caminho da capela da Senhora das Neves.

Na Igreja Matriz se venera a imagem de S. Domingos, orago da freguesia, em linda escultura, vestida de farfalhuda

roupagem, com o crucifixo erguido na mão direita, com o evangelho aberto na mão esquerda e junto ao pé esquerdo, no chão, um cão focinhudo, deitado e com uma tocha na boca e acesa.

Do já referido livro do Sr. Prof. João Diogo Correia se copia o que conta acerca de tal cão, em transcrição da «História de S. Domingos», vol. I, folhas 2 :

Tempos antes de nascer S. Domingos, sua mãe, D. Joana de Aça,



Grupo da Zamburra

pôs-se a caminho de um convento para pedir a Deus protecção para o «fructo que esperava». Tão fervorosas foram as suas preces, que logo um santo «salcançou de Deus que levasse logo a paga com um successo de grande consolação. Apareceu-lhe, e disse-lhe que da parte de Deus a avisava que daquele parto daria ao mundo um filho que nele seria uma grande coisa. Mas dura pouco qualquer alegria da vida. A poucos dias depois de tornada a sua casa, bastou-lhe um sonho para a desconsolar e encher de medo. Representou-se-lhe, dormindo, que o filho de quem tão boas novas ouvira, não era

homem, nem de humana criatura tinha a forma, mas de um cão. E para mais se embaraçar e temer, via-lhe atravessada na boca uma tocha ardendo com tanto fogo, que o pegava a toda a Terra. Aguado assim o gosto da primeira visão com o pavor do sonho, que na verdade era confirmação dela, passou entre medo e esperança, até à hora que se viu rica de mais um filho.

Os que isto ignoravam ficam agora sabendo que o simpático cãozinho de S. Domingos, bem conhecido de todos os Malpiqueiros, é mais alguma coisa que simples figura decorativa.

— X —

As casas de Malpica, de modesta construção, na maior parte apenas com rés-do-chão, são exteriormente da cor da piçarra da sua alvenaria, mas, interiormente, bem caleadas e mobiladas com arcazes, arcas, escanos, cadeiras de tabua e lindas cantareiras onde reluzem louças de velha e formosa estirpe, candeeiros, candeias, castiçais e almofarizes de fulgente metal amarelo, pratos, jarros e travessas de estanho, divisando-se, entre todo este abundante recheio, as imagens dos seus santos mais queridos e os retratos de pessoas de família.

Nas cozinhas, junto à lareira, apenas uma pequena mesa e tropeços, para se sentarem às horas das refeições, os colhereiros e os veladores.

As casas (quartos) dos esposados tinham seu «céu» (dossel), com exposição do enxoval e roupagens de bordados e rendas, toalhas e lençóis, onde não faltam, nem podem faltar, as «toalhas de morrer» — rectângulos de linho com quase duas varas de comprimento, contornados de rendas e adornados



Trajo de Festa

de bordados que, depois de findos os esponsais, são encerrados na profundidade dos arcazes até ao dia crucial em que a morte cruel arrebate para o outro mundo os entes queridos que em tempos passados e saudosos festejaram o seu noivado.

— X —

Entre as cantigas populares de Malpica sobressai, quanto a nós, o rimance do «Lavrador da Arada» pelo arcaísmo da sua melodia recitativa, de acentuado sabor eslavo, que acorda em nós o motivo-base da canção do «Barqueiro do Volga».

— X —

Já desapareceram de Malpica os lindos usos, sem par, do penteado de «martelo», coisas quase únicas em Portugal e desconhecidas no resto do Mundo e... foi pena terem-se perdido!



V — USANÇAS DE MARTIM BRANCO

PARA lá da Ocesa e para poente desta pitoresca e sinuosa ribeira onde se acolhem moinhos venerandos que tanto centeio e tanto milho moeram para o «pão nosso de cada dia» do povo charneco, estende-se, até ao Zêzere e para lá deste rio, em grande extensão, um terreno de variados relevos, ora altos ora baixos, ora estreitos ora largos, ora arredondados ora bicudos por onde correm miriades de ribeiros e arroios obedientes às leis da gravidade... sempre a descer, sempre a descer!...

É assim, em tal paisagem, ora agreste ora meiga, ora nua ora arborizada, onde os matos «a custo desabroçam», que vive Martim Branco, aldeiazinha perdida em fundo vale, entre penedias de xisto e de quartzo, à beira da Ribeira do Tripeiro, onde se cultiva e obra o linho, desde a curtimenta à tasca e aos teares. Martim Branco, como ia dizendo, vive em silêncio, tratando das pequenas searas, dos modestos olivedos, das hortas, das parreiras em embarrados, e dos frutos das suas laranjeiras, pereiras, macieiras e ameixoeiras, do leite das suas cabras, do milho das suas chãs e do centeio das suas encostas. É ali, naquele vale profundo, apontado ao sul, que o sol bendito aquece todo o dia, que os rapazes e as raparigas apascentam suas cabras e cabritos.

Ali todas as casas e construções são modestas, ali todos são simples na linguagem e nas relações de parentesco ou amizade e, naquela aldeia minúscula, a ribeira, seja inverno



Homem de Gabão

seja verão, leva sempre água que baste para regas a fazer e, por isso, não há questões entre os vizinhos.

Em Martim Branco não há escola, não há igreja ou capela, cruzeiro ou alminhas, mas vão à missa ao Padrão e, todas as noites e em todos os lares, as mães ensinam os filhos a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos e todos, de mãos postas, rezam pelas almas dos seus mortos queridos e pela saúde e felicidade de todos os seus.



Ermida da Senhora da Saúde do Padrão

De inverno, corpos ao sol nos balcões de suas casas humildes, as mulheres fiam e dobam o linho envolvidas nas suas capuchas de serrubeco acastanhado, enquanto os homens resguardados em seus gabões se vão até às lidas do campo.

As romarias das aldeias vizinhas ninguém falta e de Martim Branco se abala cedo para as festas da Senhora da Saúde do Padrão, da Senhora das Dores da Paiágua, da Senhora dos Aflitos de Rochas de Baixo, da Senhora da Graça de Almaceda, e ali rezam e cumprem suas promessas e, só

fazer e,
reje ou
drão e,
os filhos
o a nós
os seus
os seus.

depois da missa e de recolhida a procissão, comem suas merendas e as raparigas se divertem a dançar ou a ouvir, pela primeira vez, declarações amorosas a perturbarem a sua sensibilidade juvenil.

A tudo isto se segue uma passeata pelo arraial onde



Mulheres de capucha

se vendam amêndoas, rebuçados, as saborosas cavacas do Juncal e os saborosos biscoitos de Sarzedas, amassados com aguardente e mel e salpicados de açúcar, com suas formas antropomórficas e zoomórficas.

Após uma passeata até junto da barraca «do ramo» onde são leiloadas as ofertas dos romeiros, em cumprimento de suas promessas, têm lugar as despedidas.

Depois de tudo acabado, quando são queimados os últimos foguetes, já à luz do ocaso, voltam para a sua terra e para as suas casas e, quando já deitados em suas camas, rezam a Nossa Senhora, prometendo voltar à sua festa para lhe entoar louvores e talvez, muito femininamente, recordarem os encontros que tiveram com os rapazes que lhes sensibilizaram os corações ternos nos quais começa a saltitar um terno e casto amor.

É assim a engraçada e humilde aldeia de Martim Branco, perdida em fundo vale, entre penedias de xisto e de quartzite, à beira da Ribeira do Tripeiro.

VI—USANÇAS DE MONSANTO

MONSANTO, terra de ascese, altiva e nobre aldeia, cheia de história e de lendas, com pergaminhos de antiga vila, alcandorada a dois terços das encostas norte e poente do outeiro que lhe dá o nome, aldeia recamada de vivas e lindas

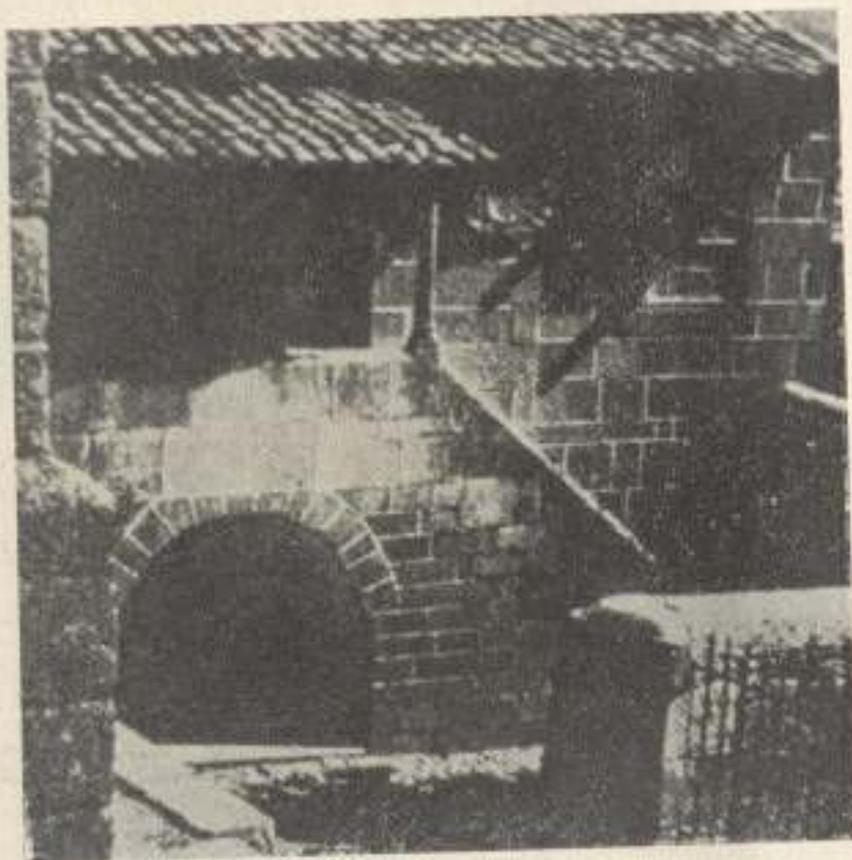


Noiva

usanças, terra que foi de fidalgos, guerreiros e de heróis que por lá deixaram fama e brasões em suas casas solarengas, sentinela vigilante de Portugal junto à raia de Espanha, que outrora foi cercada de fortes muralhas para onde se entrava só pelas portas do Espírito Santo e de Santo António, ainda ostenta no cocuruto, como coroa de glória, o altaneiro castelo,

a testemunhar aos vindouros, quantas vezes ali se batalhou e morreu na defesa de Portugal!

Do alto da sua granítica e arrogante torre de menagem se distinguiam a olho nu, os castelos de Pena Gracia, Idanha-a-Velha, Penamacor, Belmonte, Castelo Novo, Sortelha e Castelo Branco e, também a olho nu, se podiam observar os movimentos das tropas inimigas ao longo de vastas planícies. Lá no alto, onde foi a primitiva aldeia, existem ainda,



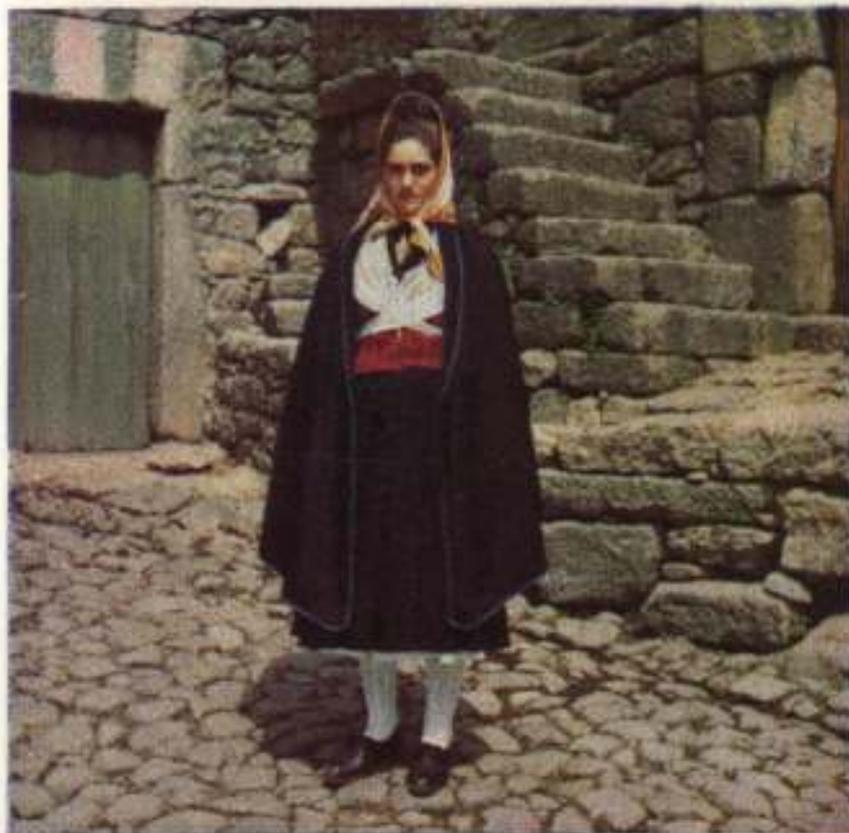
Solar quinhentista

decrépita e destelhada, a igreja de S. Miguel com sua pia baptismal e, rodeada pelo seu cemitério onde estelas e pedras brasonadas indicam ainda as sepulturas e, ao lado e para poente, os restos das antigas casas e de uma antiga fonte. A poente e no sopé do cabeço as ruínas da igreja de S. Pedro de Vir-a-Corça, aquela corça que, segundo a lenda, amamentou S. Dâmaso, nascido em Idanha-a-Velha e que foi Papa.

O termo da freguesia de Monsanto é muito grande, populoso e estende-se desde os limites de Pena Gracia, por

Salvador, Monfortinho, Salvaterra (Serra da Morracha), Toulões, Alcafozes, Idanha-a-Velha, Proença-a-Velha e Medelim e tem dentro dos seus limites as aldeias de Relva, Lugar de Eugénia, Devesa, Lugar de Maria Martins, Lugar de Junho, Lugar de S. Gens, Adinheiro, Carroqueiro, Cidral, Pomar, Carro-Quebrado e Jardim.

Dentro do extenso limite de Monsanto existem a grande,



Rapariga em traje de cerimónia

a média e a pequena propriedade e a vegetação vai desde os olivais, sobreirais, azinhais, vinhas, searas de trigo e de centeio até às hortas e hortejos. Respeitadamente à pecuária, ali se criam e engordam os gados suíno, vacum, caprino e ovelhum e a caça consiste em coelhos, lebres, perdizes e pombos bravos.

— × —

Ora é neste ambiente que teima em viver o seu florilégio de folclore de alta estirpe, vernáculo e distinto, onde abundam

lindos e arcaicos cantares, desde a Canção de Embalar até à Encomendação das Almas. É ali que se dançam as lindas coreografias que vão desde a moda de bailar a direito, pelos viras e danças mímicas até aos dançares românticos.

É em Monsanto que se cantam as modas de trabalho, como sejam as modas da azeitona, de lavrar e os rimances desde o «Lavrador da Arada» até à «Confissão da Virgem» e à «Pastorinha», e desde as «Janeiras» às «Alviçaras».



Casas e rochas anagalhadas

O traje popular mantém-se tanto quanto possível perante as inovações modernamente aparecidas.

Ainda aparecem os trajos das noivas envolvidas na mantilha, os trajos de cerimónia para os acompanhamentos de casamentos e baptizados, os trajos de festa que ainda aparecem quando da festa da Divina Santa Cruz, a 3 de Maio, quando se comemora o levantamento do cerco a Monsanto, causado pelo ardil do alcaide que, quando os seus celeiros estavam quase vazios e já minguava o pão para a alimentação

até à
lindas
pelos

alho,
ances
m» e

dos sitiados, engordou fartamente uma vitela com o trigo que restava e assim, gorda e anafada, a atirou do alto da torre de menagem aos sitiantes já famintos de muitos dias. E então os sitiantes, mais famintos que os sitiados, à vista do ventre da vitela entulhada de trigo e pasmados com a fartura do inimigo, resolveram levantar o assédio.

É então neste dia que o povo de Monsanto trepa ao cabeça, em marcha de escalada, a entoar a canção da Divina



Rapariga com a «Maia» na Festa da Divina Santa Cruz

Santa Cruz e é neste dia, em que se glorifica o estratagema do seu alcaide, que as raparigas solteiras e as mulheres casadas e sem filhos, levam, apertadas em suas mãos nervosas, bonecos de trapo a que chamam «maias» ou «marafonas» e as movimentam para cima e para baixo, em voltas e reviravoltas, em dinâmico frenesim e em ar de promessa de gratidão no caso de virem a ter filhos... Santa ambição das mulheres casadas ou das raparigas casadoiras para alegramento dos seus lares,

golas estreitas e polainas a proteger as canelas. Os botões dos calções, do colete e do casaco eram de metal branco. Usavam ainda, nas pernas meias brancas de lã, nos pés sapatos de carneira com esporas e na cabeça chapéu preto de lã e de copa redonda. No bolso do colete ia um relógio de prata, preso com grossa corrente de prata também. Às costas levavam sempre um canudo de lata, preso na axila direita,



Fonte das Mulheres

onde guardavam as folhas de férias e outros apontamentos. Os maiores não usavam gravata que, naquele tempo, era privilégio apenas dos patrões.

O último maioral de Castelo Branco deve ter morrido em 1925 com 82 anos de idade e, antes de morrer, pediu humildemente para ser sepultado com o traje que ele tanto amava e assim lhe fizeram a vontade... Depois não mais se tornaram a ver maiores vestidos de gorgorão azul escuro, com suíças e chapéu de lã de copa redonda e de canudo de lata a tiracolo!

VIII—USANÇAS DE VERDELHOS

NA serra da Estrela, próximo do rio Zêzere, lá para os lados de Manteigas e quase em frente de Valhelhas, existe, bem escondida nas dobras da serra, uma aldeiazinha no fundo de um covão arredondado cujo diâmetro não vai além de três a quatro quilómetros, cercado ora por arribas e



Bailadores da Dança das Trancas

abruptos fragedos ora por encostas de suaves declives. Ali não há horizontes, porque a concha do céu azul cobre todo o covão, aparentemente apoiada nos cumes circundantes, como se fora abóbada de templo majestoso. De todos os lados rebentam ribeirinhas e arroios que vão convergindo uns nos outros até que, todos juntos, acabam confluindo no Zêzere.

No fundo e a meio do covão está a aldeiazinha de Verdelhos repartida por vários casais, rodeada de quintarolas e quintalejos e no meio de tudo isto ressaltava, airosa e branca, a Igreja Matriz, sòzinha a alvejar na humildade do ambiente. Ali se vive no cultivo das terras e no apascentamento dos gados.

Lá, pelos altos, lobos, toirões, texugos, raposas e gardunhos, como espiões, vão observando os rumos que os gados levam até ao anoitecer.

As casas da aldeia, geralmente de dois ou três pisos,



Aspecto geral de Verdelhos

são construídas em alvenaria de xisto com argamassa de barro e cobertas por telhas mouriscas ou por lascas de piçarra.

Ali se vive do pastoreio e da pequena propriedade e já lá vai o tempo em que se cultivava o linho, desde a sementeira até às rocas onde era fiado e até aos teares onde era tecido para camisas, lençóis e toalhas.

Ali andam os pastores agasalhados em fortes gabões, com assafões nas pernas, botas fortes nos pés, de alforge ao ombro e, nas mãos, o cajado de marmeleiro, o ferrado para o ordenho e a cesta da merenda e no bolso do colete a flauta

para distracção dos seus ócios espaçados. Ali andam as pastoras de forte saia de merinillo, de espesso chambre de lã e grosso xaile traçado desde o peito até às costas e na cabeça, sobre o lenço, o chapeirão de lã. Ao ombro pendurado o alforge e nas mãos o cajado, o ferrado e o cesto donde surge, nas horas vagas, uma renda para acabar.

E, com o pastor e com a pastora, lá vão seguindo os cães da serra, valentes como leões, com suas coleiras de bicos ao pescoço.

Entre as costumeiras locais, uma há que merece especial menção por sua beleza e arcaica origem. Trata-se da Dança das Trancas, velha usança, onde só figuram homens, de calções e casacos amarelos e cintados de azul, com floridas capelas na cabeça e tranca de metro e meio nas mãos e um músico com seu tambor para marcar a cadência da coreografia.

Trata-se certamente de dança guerreira anterior à vinda dos romanos para a Península Ibérica, talvez do tempo de Viriato que tão bem conheceu os Montes Herminios. Entre as suas várias marcações notam-se: os sarapatéis, as mudanças de mão, o arremesso das trancas às costas dos companheiros, a escavação da terra, as passagens pela frente ou pelas costas dos dançarinos, etc., etc.. Trata-se enfim de assunto coreográfico de interesse a estudar.

Antes de terminar este arrazoado, seja-nos permitido, em abono do que aqui se refere, mostrar a estranheza pelas conclusões a que chegou o autor de um artigo, publicado numa meritória revista de estudos humanísticos que vê a luz do dia na cidade do Porto, onde se faz referência a esta



Pastor

dança e a uma outra de Silvares. Nada tem a Dança das Trancas de Verdelhos com a «dança da tranca» (?) de Silvares, que é apenas um fandango do Ribatejo, com adereço especial, de recente importação na Beira Baixa, não havendo qualquer



Pastora

parentesco que as ligue, quer em linha recta quer em linha transversal, uma à outra, inteiramente alheias.

Afigura-se-nos que o autor, certamente erudito, foi vítima de falsas informações ou de idiota, talvez inocente, bairrismo !

das
ares,
pecial,
quer

IX—USANÇAS DE ARANHAS

AARANHAS, terra pequenina e beiroa, fronteiriça de Espanha de que o Erges a separa, é uma aldeia rústica, cercada de vinhas e olivais, onde quase todos os habitantes comungam da terra em regimen de pequena ou média propriedade e só poucos, muito poucos, são grandes proprietários.



Ronda das Aranhas

Nas proximidades da fronteira, junto à ribeira da Bazagda, tem sua morada Nossa Senhora do Bom Sucesso, representada em pequenina imagem, apenas com pouco mais de um palmo de altura, cuja romaria tem lugar em dia do Bom Pastor. À sua festa vai gente de Portugal e vai gente de Espanha e todos, depois de rezarem e de cumprirem suas promessas, cantam e dançam modas espanholadas como o

«Mat'Aranha» ou portuguesas como a «Moda de bailar a direito». Vinhas, olivais, hortas e searas decoram a paisagem de terreno pouco movimentado e para mais longe, nos terrenos de poisio, deambulam pequenos rebanhos e rabastéis de ovelhas e de cabras, entregues à guarda de pastores ou de rabasteleiros cujos trajos e utensílios se assemelham aos dos



Pastor e Rabasteleiro

pastores da Bouça e de Verdelhos e também de flauta em punho para alegrar as horas de ócio.

É nesta aldeia das Aranhas que, pela calada da noite, se formam as «rondas» — grupos de músicos e cantores — que pelo Natal e pela Páscoa, ruas em fora, vão entoando as «Janeiras» e as «Alvíssaras», em saudação a Jesus-Menino ou a Cristo Ressuscitado e é nesta terra fronteiriça que, no silêncio da noite, se ouvem cantar os parabéns aos noivos em sua primeira noite de noivado... e todas as portas se abrem para receber os cantores e lhes ofertar bolos e vinho... e também os noivos se levantam para os convidar a compartilharem das petisqueiras sobrantes da boda!

X—NOIVOS DE VILA DE REI

VILA DE REI é o nome dado a um então minúsculo povoado, por graça do Rei D. Dinis, quando um dia por ali passou em companhia da Rainha Santa. O seu primeiro foral tem a data de 1285.

Sobre os seus trajos populares refere o Sr. Baptista dos Santos numa nar-

rativa, guardada no Arquivo Municipal daquela vila, que as mulheres interiormente usavam colete sobre a camisa, apertado nas costas por atacadores e depois duas ou três saias e, exteriormente, chambre de chita, uma saia bem rodada, aventalinho pendente da cinta, um lenço amarelo e enramalhado na cabeça, tamancos nos pés e, quando em trabalhos de campo, uma capucha de burel. Refere também que os rapazes usavam jaqueta curta de saragoça, chapéu de aba larga, cinta encarnada, preta ou verde, um lenço de cor em volta do pescoço, barrete verde na cabeça e cajado na mão.

Vila de Rei, a meio de uma paisagem variada e levemente movimentada, em solos de xisto e de quartzites, fica no centro de Portugal onde, muito próximo, avulta o cabeço da



Noivos de Vila de Rei

Melriça em que se ergueu o primeiro marco geodésico do qual irradiou o levantamento topográfico do país.

Em Vila de Rei, deveras interessante, é o traje dos noivos: Ele de jaqueta acastanhada, curta, de golas estreitas guarnecida de alamares de prata, calças à boca de sino, cinta vermelha, botas de polimento preto, na cabeça um chapéu de aba e copa direitas e ao pescoço um lenço de seda amarela com flores



Rapárigas na Fonte

estampadas e pontas pendentes. Ela, sobre a saia e sobre o chambre, capa preta de lã assetinada orlada de fita de seda também preta, lenço na cabeça, floreado a várias cores, apertado ao pescoço com as pontas caídas e, nos pés, meias brancas e sapatos abotinados de verniz e pendentes das orelhas e em volta do pescoço brincos e cordões de ouro com cruxifixo e medalhas.

Eram assim na história, na paisagem e ainda em tempo não muito distante, os trajos populares de Vila de Rei e seu concelho!

AGRADECIMENTOS

SEJA-NOS permitido exarar aqui a nossa gratidão aos Ex.^{mos} Srs. Dr. Alberto Trindade e Eng.^o Ernesto de Campos Melo e Castro, ilustres Presidente e Vice-Presidente da Junta Distrital de Castelo Branco, a distinção com que nos honraram, entregando-nos a elaboração deste trabalho.

Aos Ex.^{mos} Srs.: P.^o Francisco Marques Pinto, Prior de Monsanto, Dr. José Ferreira da Trindade, José Rocha e Ex.^{ma} Esposa, de Monsanto; Prof. José Gardete e Ex.^{ma} Esposa, de Lousa; Manuel Gregório Lopes, de Alcains; Gil Correia e Ex.^{ma} Esposa de Malpica; Manuel Barata, de Martim Branco; Rev.^o P.^o António Lucas de Oliveira e António Lopes Duarte, de Verdelhos; Dr. José Maria Félix, professor do Seminário de Alcains; Firmino de Aguilar Alves e sua Ex.^{ma} Esposa, da Bouça; Joaquim Baptista Mendes e Dr. Ponces de Carvalho, de Vila de Rei, queremos aqui deixar os nossos agradecimentos pelos prestantes auxílios que nos dispensaram.

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Bento, muito ilustre Professor da Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco, aqui deixamos o preito da nossa gratidão por ter aceiteado o fatigante encargo da revisão gramatical deste trabalho.

Bem hajam!

INDICE DAS MATÉRIAS

	Pág.
Apresentação	5
Exórdio	7
O Trajo no Cancioneiro Popular	11
Pastores da Bouça	13
Usanças da Lousa	15
Leiteiras de Alcains	21
Usanças de Malpica	23
Usanças de Martim Branco	31
Usanças de Monsanto	35
O Maioral da Lavoura de Castelo Branco	41
Usanças de Verdelhos	43
Usanças de Aranhas	47
Os Noivos de Vila de Rei	49
Agradecimentos	51

INDICE DAS GRAVURAS

	Pág.
Pastor e Pastora da Bouça	13
Um par da Dança das Virgens, da Lousa	15
Uma bailadeira da Dança das Virgens, da Lousa	16
Dois bailarinos e uma «madama» da Dança da Farrom- bana, da Lousa (de frente)	17
Cruzeiro da Lousa	18
Dois bailarinos e uma «madama» da Dança da Farrom- bana, da Lousa (de costas)	19
Pormenor da Dança das Tesouras, da Lousa	20
Leiteiras de Alcains	21
Capela do Espírito Santo, de Alcains	22
Um Malpiqueiro	23
Mulher em traje de cerimónia, de Malpica	24
Rapariga em traje de festa, de Malpica	25
Igreja Matriz de Malpica	26
Mulher em traje de dó, de Malpica	27
Grupo da Zamburra, de Malpica	28
Trajo de festa, de Malpica	29

